FORMAÇÃO ÉTICO-POLÍTICA DE EDUCADORES NO BRASIL E A GESTÃO DA EDUCAÇÃO

Naura Syria Carapeto Ferreira – UTP - nauraf@uol.com.br
Maria Cristina Elias Esper – UTP - cristinaelias@terra.com.br
Sarita Aparecida de Oliveira Fortunato – UTP - saritafortunato@uol.com.br
Jovana Ribeiro –UTP/AFESBJ - Jovana_ribeiro@yahoo.com.br

1. Introdução

O exame de vidas humanas concretas no conturbado mundo globalizado – denominado agora de "mundo plano", onde o virtual passou a ser real e a realidade se torna virtual, conduz à contínua retomada da questão da formação dos educadores e o compromisso da gestão da educação. O efeito pedagógico de cada conteúdo de ensino sobre os educandos depende do grau de interferência dos demais meios que influem o grau de suas intenções e ações. A força da beleza como meio de educação, por exemplo, depende da medida em que se soube trabalhar com esta força de trabalho como meio de educação, da profundidade de intenções com que se efetua a educação da mente e dos sentimentos. Parte-se do pressuposto que a palavra do professor não tem valor educativo senão quando opera a força do exemplo pessoal de todos os que atuam na educação, quer dizer, quando todos os demais meios de educação estão impregnados de pureza moral e de nobreza. Ora sabe-se que essa linearidade não existe e que, nos dias atuais, mais do que nunca as contradições se agudizaram de tal modo que o termo mais falado vivido e sofrido é a violência em todas as sua mais díspares dimensões.

Os problemas educacionais do nosso tempo, pelo modo como interferem em todas as dimensões fundamentais da vida humana, exigem particularmente dos profissionais da educação uma abordagem metodológica que contemple a relação individual/social, específico/universal, particular/global, que elucide uma postura crítica e interveniente e converta as responsabilidades do presente num modo de olhar e programar o futuro a partir de uma compreensão do mundo globalizado com todos os seus encantos e desencantos, benesses e violências, em todas as suas contradições. O sucesso ou o fracasso

educativo, com tudo o que ele implica, qualidade dos objectivos, da aprendizagem, das políticas são fundantes da concretização de uma formação integral que possibilite aos educandos a verdadeira cidadania. Pesquisa realizada sobre a noção de formação ético-política de educadores no Brasil e os compromissos da gestão da educação na superação do não sucesso escolar constituem base para a análise que se faz neste texto, que fornece elementos para subsidiar novas políticas educacionais, a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia. O Conselho Nacional de Educação exarou a Resolução nº 01/06 que institui estas diretrizes, definindo princípios, condições de ensino e de aprendizagem, procedimentos a serem observados em seu planejamento e avaliação pelos órgãos do sistema de ensino e pelas instituições de educação superior no país, ratificando uma posição e reacendendo o debate sobre a formação dos profissionais da educação. Este texto discute, ainda, a centralidade da gestão da educação nesta formação.

2. A origem do tema exposto

Há algum tempo, refletindo sobre a forma pela qual, nos últimos anos, produzimos as nossas existências, como pessoas e como educadores, tenho me surpreendido perplexa, em verificar que no "corre-corre" diuturno dessa "produção" da existência humana, o "produto" tem redundado, prioritariamente, em "cansaço", "impotência", "insatisfação", "frustração", "decepção", e tantos outros sentimentos negativos causadores de insanidades de toda ordem. Em contrapartida, tenho me surpreendido, também, atônita a "correr" atrás das informações e das produções científica, tecnológicas, informatizadas que veiculam no mundo globalizado, na "aldeia global" em que se tornou o planeta para poder ter mais condições de "produzir" a minha existência. Surpreendo-me, ainda, querendo compreender, interpretar tudo o que se passa em meu entorno, na complexa "trama" das relações sociais, sem o menor espaço de tempo para processar a avalanche de informações, dos discursos, das imagens, dos pacotes cinematográficos e dos "desenhos animados", bombardeando mentes e corações, que torna as coisas, os objetos, os acontecimentos e as pessoas in-significantes.

Paradoxalmente, esta "produção da existência" revela o conflito e a contradição do desejo da possibilidade de ser e a impossibilidade como

realidade. Paradoxalmente esta "produção da existência" em busca da felicidade, da realização, no mundo hodierno, produz a alienação, acirra a competitividade e o individualismo gerando a infelicidade.

Todos querem ter mais, acessar mais, viajar mais, conhecer mais sem, contudo, conseguir "administrar" as suas vidas, a produção das suas existência. A abundância de informações, de sentidos e significados "tumultuou" mentes e corações, de tal modo, que as pessoas vivem e correm sem mesmo pensar o que vão priorizar e o que, realmente, querem para suas vidas.

Em nossas instituições, de certo modo, também "trabalhamos juntos", aliás, sempre "trabalhamos juntos" sem, nem sempre ou, quase nunca, "produzirmos juntos" as condições de existência mais qualificada para todos, que só o **trabalho coletivo, intencional e eivado de relações competentes, recíprocas e respeitosas é capaz de proporcionar.**

Nesta realidade, com toda complexidade e contradições do mundo contemporâneo, o que fazer? Como criarmos condições para produzirmos as nossas existências, coletivamente, com respeito, dignidade e felicidade? Como podemos produzir nossas existências, com alguma "segurança" de estarmos construindo um outro mundo mais justo e igualitário, mais compreensivo e solidário? O que se impõe para a educação, para as políticas públicas e para a gestão da educação no sentido da superação deste desconforto e desta gama de sentimentos e de "vida" insatisfeita que existe de forma generalizada em todos os povos e nações e no mais íntimo dos corações? O que fazer para "dominar" a violência superando-a por um outro mundo mais humano, onde o ódio seja substituído pelo amor e pela amizade? O que fazer? Como fazer?

A história humana vem sendo construída e marcada por certas "descontinuidades", que reconfiguram o espaço societário a partir de conflitos e impactos que danificam os seres humnaos obrigando-os a se reestruturarem fisicamente e emocionalmente. Estas "descontinuidades" têm sido refletidas e relatadas através das análises críticas de intelectuais que em cada tempo histórico tentam interpretar a realidade para nela intervir e/ou transformá-la. As transformações que vêm ocorrendo nos últimos anos e os modos de vida que a contemporaneidade fez surgir

afasta-nos de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma forma sem precedentes. Tanto em extensividade como em intensividade, as transformações científico-tecnológicas, econômico-sociais, ético-políticas e culturais no mundo globalizado são mais profundas do que a maior parte das já havidas em todos os períodos históricos influenciando "pedagogigamente" ou violentamente toda a humanidade. No plano da extensividade, serviram para estabelecer formas de interligação social à escala do globo; em termos de intensividade vieram alterar algumas das características mais íntimas e pessoais da nossa existência cotidiana. O que resultou disso?

Resultou um mundo "sedutor", "fascinante" e, contraditoriamente, atemorizador, excludente, cruel. Resultou, de forma extensiva e intensiva, na agudização da riqueza e da pobreza humanas quer do ponto de vista material ou espiritual com todas as suas nefastas conseqüências: o vazio, a insegurança, o medo, a angústia, o terror, a desrealização, a perda do sentido da vida. A crença na formação de uma "sociedade mundial" pacífica e humana é abalada pela proliferação das guerras, pelo acirramento da divisão entre um "mundo" hegemônico constituído de uma minoria de poderosos e o resto do mundo, resto: sobra humana coisificada.

Como um fetiche, a globalização é "falada", "usada" com freqüência sem ser entendida concretamente, significando muitas vezes o oposto, mas tendo algo em comum: descreve algo assim como um poder oculto que agita o mundo, que determina a nossa vida e que nos domina cada vez mais. Todos os problemas sociais, todas as crises e catástrofes, na atualidade, são relacionadas com a "globalização", assim como, se fala de um mundo mais seguro e até de um "governo democrático mundial".

Concomitantemente ao ritmo vertigionoso em que ocorre a globalização do capitalismo verifica-se a globalização do mundo do trabalho. No âmbito da fábrica global criada com a nova divisão internacional do trabalho e da produção e a dinamização do mercado mundial, amplamente favorecidas pelas tecnologias eletrônicas – colocam-se novas formas e novos significados para o trabalho gerando o não-trabalho, fato este, que vai exigir novas compreensões e responsabilidades sobre o uso e o rumo

decisivo de todos os avanços da ciência e da tecnologia na formação de profissionais em geral, de profissionais da educação e na formação para o exercício da cidadania. Portanto, novas prioridades se impõem para novas políticas e, em especial, para a gestão democrática da educação comprometida com a qualidade da formação humana.

A economia globalizada não é a economia mundial que, aliás, é um fenômeno existente, pelo menos, desde o século XVI (BRAUDEL, 1979), mas uma economia cujas atividades estratégicas, fundamentais, como a "inovação", o capital e a gestão da empresa, funcionam em escala planetária em tempo real "e ao vivo"[i] (CARNOY & CASTELLS, 1993; CASTELLS, 1996; TOLDA, 2001; SOUSA SANTOS, 2001), no "mundo plano" (FRIEDMAN, 2007) através dos recursos tecnológicos proporcionados pelas telecomunicações, sistemas informáticos, microeletrônica e redes informatizadas. Tudo se globalizou e continua a se globalizar, capital, tecnologia, gestão, informação, mercados internos, terrorismo, racismo e violência, crueldade, competição, coisificação, banalização, ocasionando, em extensividade e em intensividade, uma revolução no mundo do trabalho e na sua organização, na produção de bens e serviços, nas relações internacionais e nas culturas locais, no interior de cada ser humano, transformando o próprio princípio das relações humanas e da vida social.

E, agora esta globalização recebe outra interpretação: "mundo plano". Mas o que vem a ser esta nova denominação, "Mundo plano? Tem a ver com "tabula rasa", marco da filosofia empirista de John Locke que valorizava a experiência no processo do conhecer, do saber e do agir? Ou trata-se de um mundo que tornou-se "plano", com outro sentido e outro significado dados pela evolução da ciência e da tecnologia, dos meios de comunicação, que permitiram o deslocamento em massa de pessoas, quer como turistas, quer como trabalhadores migrantes ou refugiados? Trata-se de um outro mundo além do que se denominou de fenômeno da globalização que surge de outra maneira, onde a tecnologia permitiu uma outra forma de comunicação muito mais ampla, incomensurável, onde todos sem estarem juntos podem "trabalhar juntos", sem se conhecerem, podem se comunicar, uma "interligação" quase sem controle, pois "esse achatamento quer dizer que estamos interligando todos os centros de

conhecimento do planeta e costurando uma única rede global"(FRIEDMAN, 2007, p.19).

Locke, em sua época, ao considerar todos os seres humanos intrinsecamente iguais como pressuposto para a aquisição do conhecimento e do processo do saber e do agir, deu base filosófica para combater o *status quo* vigente, especialmente em relação à aristocracia e à nobreza. A experiência era o ponto de partida para todos e a esta compreensão que também era um direito, todos poderiam esta sujeitos.

O significado da "tabula" do século XXI - a "Terra plana" - parte de outro pressuposto: o de que o conhecimento está posto no mundo e "graças aos computadores, ao email, às redes, à tecnologia de teleconferência a a novos softwares mais dinâmicos" está acessível a todos. Portanto tudo está para todos desde que este todos possa acessar, isto é, que tenha condições de ter, compreender e usufruir da tecnologia de ponta que possibilita este acesso. Um outro sentido se põe para a evolução da tencologia existente neste "mundo achatado": o sentido existe para quem pode acessá-la, isto é, não tem sentido para quem não pode acessar. Em outras palavras, só pode entrar neste mundo quem tem possibilidade de acesso a essa tecnologia!

No plano socioeconômico o capital, centrado no monopólio crescente das novas tecnologias microeletrônicas associadas à informática, rompe com as fronteiras nacionais e globaliza-se de forma violenta e excludente, sobretudo o capital financeiro especulativo que dilapida os fundos públicos nacionais. No plano ético-político tem-se a reafirmação do ideário neoliberal: a "nova era do mercado" apresenta-se como a única via possível da sociabilidade humana que, logicamente torna-se cada vez mais individualista e utilitarista.

O desemprego estrutural demarca não apenas o aumento do exército de reserva, mas especialmente o excedente de trabalhadores. Sob a vigência de relações de propriedade privada, aumenta a miséria, a fome a barbárie social. A crise do trabalho assalariado constitui-se num dos problemas políticos e psicossociais mais agudos da história humana, evidenciando uma das contradições mais profundas dos tempos atuais: "a classe trabalhadora que sempre lutou pela redução da jornada de trabalho e

liberação do tempo livre empenha-se, hoje, desesperadamente para manter-se empregada mesmo às custas da perda de direitos duramente conquistados"(FRIGOTTO, 1998, p. 140). Os profissionais da educação, professores que também sempre, organizadamente, lutaram por melhores condições de trabalho na escolas e nas universidades, sujeitam-se a trabalhar exaustivamente, sem as condições necessárias à qualidade do ensino e da administração, com salários aviltantes.

São transformações tão rápidas que afetam profundamente todos os seres humanos, o meio ambiente, as instituições sociais, as relações de trabalho e as relações sociais ocasionando tremendo impacto pela aplicação das novas tecnologias que alteram hábitos, valores e tradições que pareciam imutáveis" (FERREIRA, 2008a, p. 27). Neste contexto, a educação e a formação de profissionais, que são constituídas e constituintes das relações sociais, reduzem-se ao economicismo do emprego e da empregabilidade, da eficiência e da eficácia, da competitividade e da conseqüente entropia da formação humana e da cidadania. As políticas públicas, emanadas do Estado, anunciam-se nesse "paradigma" e, mediatizadas pelas lutas, pressões e conflitos, abrem-se a possibilidades para implementar sua "face social". Neste contexto de tal gravidade, a gestão da educação, enquanto tomada de decisões, utilização racional de recursos para a realização de determinados fins, (FERREIRA, 1999, 2004), necessita ser repensada e ressignificada frente à "cultura globalizada"[ii], a partir destas determinações e à luz dos compromissos com a fraternidade, a solidariedade, a justiça social e a construção humana do mundo.

A atualidade evidencia uma situação nova na história, a de termos de ser libertados de uma sociedade rica e poderosa – a libertação da "sociedade opulenta" (MARCUSE, 1986), da "Sociedade Transbordante" (JEUDY, 1995), no Mundo Globalizado (IANNI, 1987, 1992, 1996), (SOUSA SANTOS, 1997, 2000), que se torna "Plano" (FRIEDMAN, 2007) na busca incessante de uma sociedade fraterna, justa, solidária e verdadeiramente humana.

Mais do que nunca faz-se necessário humanizar a formação e as condições de exercício e de existência dos profissionais da educação. Mais do que nunca faz-se necessário ressignificar a gestão da educação a partir

de outra base ética, que permita fazer frente aos desafios constantes a "cultura globalizada" na "sociedade transbordante" (JEUDY, 1995) "insatisfeita" (HELLER & FEEHÉR, 1998) constituída de "ressentimentos"(ARENDT, 1994) e de exacerbação do individualismo.

O ser humano contemporâneo não é, realmente, um homem em sua totalidade de possibilidades. Tornou-se um ser "partido", "fragmentado", divido em diferentes facetas. E a faceta "econômica" determina externamente todos os demais. Acredita-se, todavia, que uma sociedade humana, que é de todos os humanos, não pode construir-se usando-se meios desumanos.

Esta constatação tem me elevado a uma série de questionamentos e reflexões sobre o que vem a ser uma "produção da existência" sadia e, realmente, produtiva[1], nas condições e demandas hodiernas, onde a abundância de informação, de culturas, de ofertas para consumo, de objetos descartáveis, de tecnologias competitivas e substitutivas, produziu a violência em todos os sentidos, não só de ritmo, mas nas relações caracterizando o que se define como "barbárie"[2].

Jean François Mattei ao contrapor, em sua secundariedade, a barbárie à civilização, à qual está estreitamente ligada com o sua face negativa, explicita que o

> efeito da barbárie caracteriza toda a forma de esterilidade humana e de perda do sentido no campo

[1] O termo "produção" não possui, aqui neste texto, a conotação decorrente da produtividade economicista, mas de construção, de criação, de crescimento. Produção (do latim, *productione*) quer dizer ato ou efeito de produzir, criar, gerar, elaborar. Contém os elementos constitutivos da realização através da criação, da geração e da elaboração, entendida a partir de finalidades de intenções que possibilitem a realização humana. Possui o sentido e o significado de "criar", produzir a sua existência a partir de condições existentes na relação com o seu meio. Decorre da concepção da Teoria da Cultura, tal como a explicita Álvaro Vieira Pinto em sua obra *Ciência e Existência*(1979) "A cultura é um produto do existir do homem, resulta da vida concreta no mundo em que habita e das condições, principalmente sociais, em que é obrigado a passar a sua existência. Ao produzir a cultura o homem ao mesmo tempo se produz a si próprio em forma de constituição de um modo social de convivência. À medida em que o homem, em curso de se auto-realizar, se apropria da natureza, colhendo experiências novas e atuando com respostas originais, aos desafios do ambiente, vai criando instrumentos inexistentes anteriormente, desenvolve técnicas sem precedentes a partir da instrumentalização dos objetos já existentes ao seu redor, porém só transformados em instrumentos quando a ideação em surgimento os utiliza pondo-os ao serviço de finalidades, que começam, então a ser percebidas na idéia de ação intentada. A cultura é uma manifestação histórica do processo de hominização e por isso se desenvolve coetaneamente com este último, até os graus superiores, em que o caráter de "humano" se apresenta como um conteúdo de valor ético. (VIEIRA PINTO, 1979, p. 121-138).

[2] Barbárie, de barbarismo, bárbaro, quer dizer: selvagem, cruel, rude, inculto, desumano, tirano (HOLANDA FERREIRA, 1999, p. 269)

> da cultura, quer se trate de ética, de política, de arte, quer de educação. Para que haja barbárie, é preciso haver uma civilização anterior em que o bárbaro, como Alarico e seus visigodos quando do saque a Roma, vai abater, pilhar e destruir. Se o selvagem não teve tempo de criar obras duráveis de civilização pelo trabalho sobre si mesmo, o bárbaro procura arruinar esse mundo estrangeiro que o provoca e fascina, mas que ao mesmo tempo lhe devolve o reflexo de sua impotência a encontrar-lhe o sentido (2002, p.13).

Esta reflexão de Mattei, acima - "**Se o selvagem não teve tempo de criar obras duráveis de civilização pelo trabalho sobre si mesmo**[3], o bárbaro procura arruinar esse mundo estrangeiro que o provoca e fascina, mas que ao mesmo tempo lhe devolve o reflexo de sua impotência a encontrar-lhe o sentido" – alerta para se pensar na dimensão macro do mundo e na dimensão micro, nas instituições, até nas relações mais próximas, em que esta barbárie fomenta o individualismo avassalador e, sempre, destruidor, entrópico! A barbárie, infelizmente, está instalada em todas as dimensões da vida humana. O que fazer?

Sem dúvida, à contraposição da barbárie se coloca como necessidade de construção de uma nova cultura, uma nova civilização pautada na fraternidade e na solidariedade que fundamente e possibilite um mundo verdadeiramente humano, a realização humana. O caminho é a educação, a produção e transmissão de conhecimentos – a revolução intelectual e moral de que nos fala Gramsci - que superem o existente para que se possa criar uma nova sociedade mais justa e humana constituída de homens fortes intelectualmente e ricos de caráter.

> Criar uma nova cultura não significa apenas fazer descobertas "originais"; significa também, esobretudo, difundir criticamente verdades descobertas, "socializa-las" por assim dizer; transformá-las, portanto, em base de ações vitais,

[3] Grifo da autora.

> em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato "filosófico" bem mais importante e "original" do que a descoberta, por parte de um gênio filosófico, de uma verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais.(GRAMSCI, 1978, p. 13-14)

A superação do existente, só poderá ser feita pela via da produção e da gestão do conhecimento com "base em ações vitais, de coordenação e de ordem intelectual e moral", comprometida com os valores humanos perenes que incluem toda a humanidade e aos quais toda a humanidade tem direito e não com o conhecimento que visa o lucro e bens de consumo exclusivos e excludente.

Este trabalho sintetiza análises dos resultados de investigação realizada no Brasil visando examinar as demandas dos professores-gestores em exercício e os conteúdos considerados prioritários pela Universidade para essa formação. A pesquisa originou-se da necessidade de checar e compatibilizar as demandas do mundo globalizado denominado de "mundo plano" (FRIEDMAN, 2007) de um país de periferia e as políticas de formação destes profissionais.

Compreende-se a gestão democrática da educação como concepção da formação do professor-gestor, que como tal necessita ser transparência, autonomia, participação, liderança e trabalho coletivo, representatividade e competência. Constitui-se no compromisso e responsabilidade de garantir que princípios humanos sejam desenvolvidos nos conteúdos de ensino, que são conteúdos de vida, porque se constituem em instrumentos para uma vida de qualidade para todos em sociedade. Por isso a gestão democrática é a gestão de uma administração concreta. (do latim *cum crescere*), que significa "crescer com", "nascer com", horizonte de uma nova cidadania que se almeja para o Brasil. O "crescer com" significa o que Aristóteles explicita

quando fala de política e de cidadão como sendo aquele que é capaz de exercer o poder.

O exercício de uma liderança implica alguém que deve se responsabilizar por atos de deliberação e de decisão. No espírito da Constituição Brasileira e do movimento que a gerou, esta liderança é colegiada e democrática. Trata-se, pois, da relação entre indivíduo e colegiado, entre tomada de decisão e participação em cujas bases encontra-se o diálogo como método e fundamento. Com esta concepção, que fundamentou o pólo teórico da investigação, expõem-se as análises dos resultados coletados através de entrevistas, questionários e grupos focais.

3. O concreto real pesquisado……

Objetivando a compreensão que os professores têm do mundo hodierno sob os impactos gerados pelas conseqüências acima apontadas, desenvolveu-se uma investigação em universidade pública de grande porte e num sistema de ensino da mesma cidade de um estado da região sul, considerado com a região sudeste, o mais desenvolvido do país. O universo da investigação abarcou professores dos dois âmbitos educacionais a fim de cotejar os conteúdos trabalhados pela universidade na formação de profissionais da educação e os conteúdos processados pelos professores em exercício, quase todos oriundos desta universidade.

A pesquisa originou-se da necessidade de checar e compatibilizar as demandas do mundo globalizado denominado de "mundo plano" (FRIEDMAN**, 2007)** de um país de periferia e as políticas de formação destes profissionais.

A fim de poder enfrentar essa complexa questão, propôs-se esta investigação na qual e pela qual se manteria a atenção focalizada sobre três aspectos considerados fundantes do próprio exercício da profissão docente: a formação docente recebida na licenciatura; a atuação dos participantes nas diferentes escolas onde trabalham e a compreensão que possuem dos conteúdos que ensinam desde sua priorização até sua constituição conceitual histórica.

Os recursos metodológicos utilizados foram instrumentos aplicados na forma de questionários com questões abertas e fechadas, entrevistas

aprofundadas em que o professor por meio de uma longa conversa, por vezes desdobrada em suas ocasiões, ia rememorando e ao mesmo tempo analisando a importância (ou não da formação inicial que recebera na universidade e da trajetória que percorrera para o seu desenvolvimento profissional, assim como a importância da formação continuada e o porquê da escolha de sua profissão. Foram realizados grupos focais com professores, pais de alunos e funcionários em escolas da rede de ensino fundamental onde se pode apreender e checar dados. Esta investigação empírica abrangeu 163 professores do Ensino Superior, 438 professores da rede de ensino fundamental, pais e funcionários (em menor número).

Na sua quase totalidade eram professores licenciados em Pedagogia e, em minoria, nas outras áreas do conhecimento, como geografia, história, letras, matemática, educação física e outras em menor número.

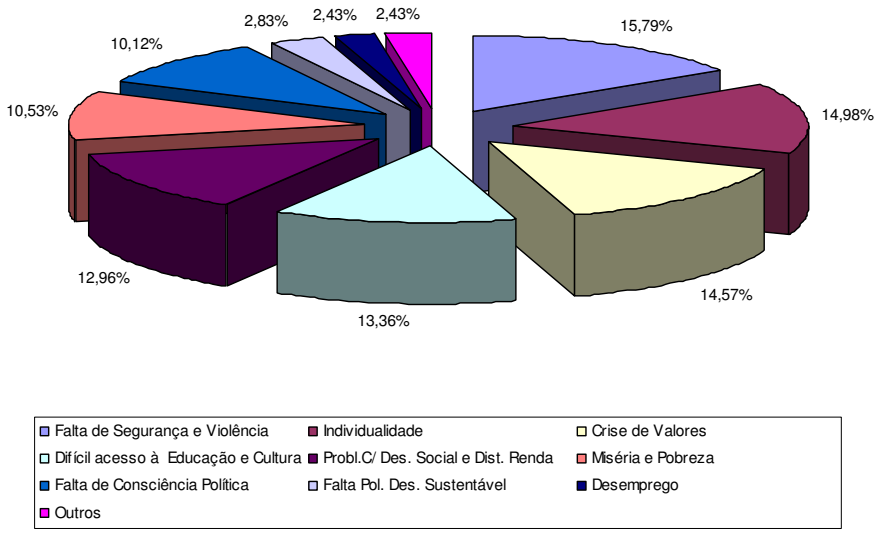
As questões trabalhadas foram:

- Quais são os maiores problemas que assolam a humanidade nos dias atuais?
- Quais são as questões mais perniciosas a conivência humana no mundo hodierno?
- Quais são os valores que mais se deterioraram nos tempos modernos? Porque?
- Que valores julga necessário trabalhar com os nossos alunos? Defina-os.
- O que é Ética, no seu entendimento?
- O que é moral, na sua compreensão?
- Quais as nossas responsabilidades, como educadores, na construção da escola/universidade que queremos?
- Que escola/universidade queremos? Como conduzir uma escola para a construção de um mundo melhor?
- O que a escola/universidade tem a ver com a formação humana do cidadão? Quais as suas responsabilidades?

- Que administração queremos para uma escola/universidade de qualidade que forme homens e mulheres íntegros, capazes, competentes e solidários?

Nos limites deste trabalho serão trabalhados alguns dados que figuram em dois gráfico abaixo e que já evidenciam a necessidade de se considerar as contradições e as lacunas de conteúdo e de princípios existentes nos dois sistemas de ensino:

Quais são os maiores problemas que assolam a humanidade nos dias atuais e que se constituem as questões mais perniciosas à conivência humana no mundo hodierno?

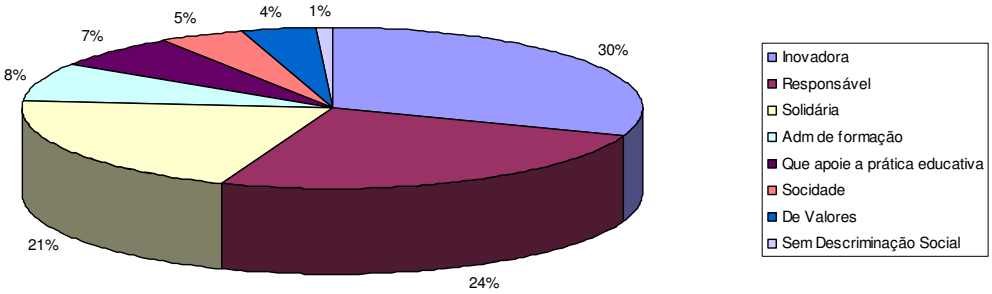


Percebe-se que a incidência de respostas evidencia a necessidade imperiosa de a universidade concentrar-se em fortalecer a formação profissionais que possam "desenvolver-se como seres humanos fortes intelectualmente, ajustados emocionalmente, capazes tecnicamente e ricos de caráter"(FERREIRA, 2008b, p.113) a fim de poder se intervir da forma possível na sociedade, com a formação de outro tipo de homem para uma sociedade mais humana, justa e solidária. Os ítens mais expressivos apontados foram: individualismo; crise de valores; falta de consciência política; problemas decorrentes da desigualdade social e má distribuição de renda; falta de uma política de desenvolvimento sustentável e difícil acesso

à educação e cultura. Tais fatores são fundamentais ao desenvolvimento de novas políticas comprometidas com a superação desta desigualdade rumo a uma sociedade mais humana para todos.

Nesta direção, o gráfico abaixo nos apresenta como o coletivo dos professores da rede pública de ensino respondeu à questão formulada sobre "gestão para uma escola de qualidade" em número expressivo: a inovação, a responsabilidade e a solidariedade, enfatizando pelas outras respostas e o conjunto todo respondido, a necessidade de um outro tipo de formação que contemple a formação omnilateral dos educando a fim de enfrentarem e constituírem uma outra sociedade onde se possa, realmente cultivar o bem e o belo, como já aspirava Aristóteles e a justiça e felicidade almejada por Gramsci, entre tantos outros.

Que administração queremos para uma escola de qualidade que forme homens e mulheres íntegros, capazes, competentes e solidários?



4. Palavras finais para um início de discussão e.....novas e efetivas decisões políticas.

Desenvolver a democracia como expressão legítima de vida humana e "consciência do outro" é a medida mais urgente que tanto é falada e tão pouco vivida e praticada. Desenvolver o respeito e todos os valores humanos que transcendem o "dinheiro que compra tudo" é a maior arma que a educação pode e deve utilizar através do diálogo e da gestão coletiva , que não se reduz ao voto, mas que é democrática por princípio e fundamento que se efetiva em todos os momentos da vida e, fundamentalmente, na educação.

5. Referências

ARENDT, H. *La crise de la culture*. Paris: Galimard, 1994.

BRAUDEL, F. *The wheels of commerce*. Nova York: Harper and Row, 1979.

CARNOY, M. ; CASTELLS, M. *The new global economy in the information age***.** University Park, PA: Pennsylvania State University Press, 1993.

CARNOY, M**.** *Mundialização e reforma na educação: o que os planejadores devem saber*. Brasília: UNESCO, 2002.

CASTELLS, M. *The risi of the network society*. Londres: Blackwell, 1996.

COLLARES, C. A . ; MOYSÉS, M. A A & GERALDI, J. W. "Educação continuada: a política da descontinuidade. In: *Formação de profissionais da educação: políticas e tendências. Revista Educação e sociedade***.** Campinas/SP/CEDES, n º 69,1999.

COUTINHO, C. N. *Contra a corrente: ensaios sobre a democracia e o socialismo***.** São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRA, N, S. C.(1999) "Education Technology and teh Professional in Brasil: His or Her Formation and teh Possibility of Human Culture" In: *Bulletin of Science, Technology & Society.* Sage Science Press. Thousand Oaks/ London/New Delhi. Vol. 19, N º 3, June. 206-209.

_____ (2003)Poderemos trabalhar juntos na sociedade mundializada?: desafios para os educadores. In; PORTO, T. E. *Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas.* Araraquara/SP: Editora JM.

_____(2008a) Gestão democrática da educação: ressignificando conceitos e possibilidades. In: FERREIRA, N.S.C. & AGUIAR, M. A . Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos. 6ª ed. São Paulo: Cortez.

_____(2008b) A gestão da educação e as políticas de formação de profissionais da educação: desafios e compromissos. In: FERREIRA, N. S. C. *Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios.* 6ª e3d. São Paulo: Cortez Editora.

FERREIRA, A . B. H. *Novo Aurélio – Dicionário da Língua Portuguesa***.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRIEDMAN, T. L. *O mundo é plano: uma breve história do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FRIGOTTO, G. *Educação e crise: perspectivas de final de século*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

GIDDENS, A . *Sociology*. Oxford: Polity Press, 1990.

GIDDENS, A . *As conseqüências da modernidade*. Oeiras: Celta Editora, 1998.

GIDDENS, A . *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

GIDDENS, A & PIERSON, C. *Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade.* Rio de Janeiro; Ed. FGV, 2000.

GRAMSCI. A . *Escritos Políticos*. Vol 1. Lisboa: Seara Nova, 1976.

HELLER, A. *Além da justiça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

HELLER, A . & FERENC, F. *A condição política pós-moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

IANNI, O . *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

_____."O cidadão do mundo" In: LOMBARDI, J. ; SAVIANI, D. & SANFELICE, J. *Capitalismo, trabalho e educação.* Campinas/SP: Editora Autores Associados, HISTEDBR, 2002.

JEUDY, H. P. *A sociedade transbordante*. Lisboa: Edições Século XXI, Ltda, 1995.

OHMAE, K. *The end of the nation state. The rise of regional economics*. Londres: Harpercollins, 1995.

SANTOS, Milton. 6 ª ed. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.* Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record. 2001.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica.* São Paulo: Cortez Editora, 1980.

_____"Sobre a natureza e especificidade da educação" In: SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-crítica. : primeiras aproximações.* 8ª ed revista e ampliada. Campinas/SP: Autores Associados, 2003.

SOUSA SANTOS. B. S. "A transição paradigmática: da regulação à emancipação". Oficina do CES. Coimbra: universidade de Coimbra, 1991.

_____. B. S. "Os processos de globalização" In: SOUSA SANTOS. B. S. *Globalização: fatalidade ou utopia*. Porto/Portugal: Ed. Afrontamento, 2001.

STEINER, G. *La barbarie de la ignorancia*. Barcelona: Taller de Maio Muchnik, 1999.

TOLDA , J. . "Globalização e espaços locais: Economia do conhecimento e da inovação" In: REIS, J & BAGANHA, M. I. *A economia em curso: contextos e mobilidades*. Porto: Ed. Afrontamento, 2001. P 87-110.

---

[i] Na linguagem do espetáculo, isso significa que a difusão das informações é simultânea à sua produção, isto é "ao vivo

[ii] A expressão "cultura globalizada" aqui utilizada, significa o rico, complexo e imenso conjunto de culturas que se entrecruzam no planeta impondo suas peculiaridades e diferenças e exigindo respeito aos seus *modus vivendi*, formatos e desenvolvimentos. São inúmeras e incontáveis culturas que, concomitantemente, se desenvolvem, se expõem e defendem seus princípios, valores e costumes intercambiando diferenças e antagonismos (Ferreira, 2003, p. 31)